

Folha Viva

Revista dos Clubes da Floresta do Projecto Prosepe • Floresta com Vida



O Polenix à descoberta das nossas tradições

Os Clubes realizaram o S. Martinho na net

pág. 26

Sumário

2 O Pinheiro bravo

13 Natal Prosepe

23 Outono Prosepe

26 Polenix encontra o
S. Martinho

28 Eles fizeram...

30 Diga

32 Raíz Poética

FICHA TÉCNICA

FolhaViva

Jornal dos Clubes da Floresta do Projecto Prosepe • Floresta com Vida

Número 17 • Ano V • Outubro/Dezembro 2001

O pinheiro bravo (*Pinus pinaster*) é uma árvore da família *Pinaceae* e, dentro desta, pertence ao género *Pinus*. Este género é constituído por cerca de 100 espécies de grande interesse económico, ocupando uma vasta área do Hemisfério Norte, desde as zonas subtropicais ao círculo polar Ártico, tendo como limite sul uma linha que passa pela Guatemala, pelas Ilhas Canárias, por Marrocos e Argélia.

São espécies inconfundíveis, que facilmente se distinguem das outras resinosas pelas folhas (agulhas) bem características.

No entanto entre estas espécies existem diferenças que interessam destacar.

O porte dos pinheiros pode ser muito variável, existindo espécies que atingem 30 a 50m, ou mais, de altura, e outras que são verdadeiros arbustos.

O pinheiro bravo é, sem dúvida, a espécie florestal mais importante do País, por ocupar 1.026.400 ha, ou seja cerca de 30% da área florestal (dados de 1999), e por ser o principal sustentáculo da indústria consumidora de madeiras. Por outro lado, existem no País, excepcionais condições ecológicas para uma sua maior expansão, podendo-se deste modo valorizar vastas áreas de terrenos muito pobres e degradados.

A área natural desta espécie é algo restrita, limitando-se à região do Mediterrâneo ocidental e faixa litoral do sudoeste da Europa. No entanto várias sub-espécies, variedades e raças geográficas têm sido diferenciadas, podendo considerar-se duas sub-espécies distintas, uma de natureza *Atlântica* e outra nitidamente *Mediterrânica*.

Propriedade: NICIF - Núcleo de Investigação Científica de Incêndios Florestais, Universidade de Coimbra, Av. Bissaya Barreto, 58, r/c - 3000 - 075 Coimbra, Tel.: 239 484 680 / 239 483 523 - Fax: 239 484 378 • Director: Luciano Lourenço • Equipa de redacção: Graça Lourenço, Agostinho Vasco, Elisabete Oliveira • Fotografias: Membros dos Clubes da Floresta, Agostinho Vasco • Design e Composição: Carlos Barbosa, Alexandrina Pereira • Impressão: G.C. - Gráfica de Coimbra, Lda • Tiragem: 2000 exemplares • Periodicidade: Trimestral • Distribuição: Assinatura - 1.000\$00; Membros dos Clubes da Floresta - 500\$00; Clubes e Entidades colaboradoras - gratuita • Depósito Legal: 117549/97.





Caracterização do Pinheiro bravo (Pinus pinaster)

Características e biologia

De uma maneira geral o *Pinus pinaster* é uma árvore que pode atingir 30m ou mais de altura, com tronco reto, com casca persistente, espessa e irregularmente sulcada, de cor castanha avermelhada. Apresenta uma folhagem constituída por fascículos de duas agulhas de 10 a 22cm de comprimento, espessura, rígidas, e algo picantes. Podem, em indivíduos jovens e muito vigorosos encontrar-se fascículos de agulhas, pelo menos no eixo principal.



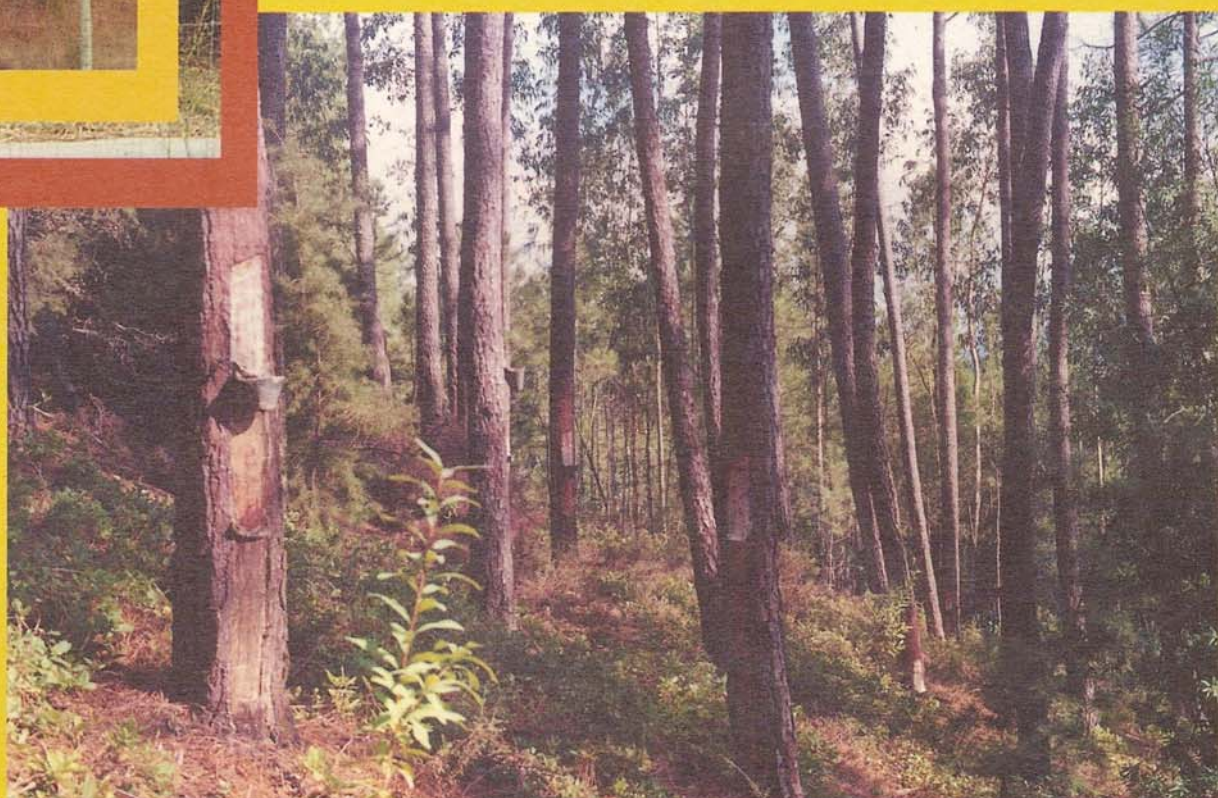
As pinhas são ovóides-cônicas, mais ou menos simétricas, de 8 a 18 cm de comprimento, algo pedunculadas, oblíquas sobre os ramos e de uma maneira geral persistentes. Escudo piramidal de cor avermelhada brilhante, com carena transversal fortemente marcada, semente de 4 a 8 mm de comprimento, asa de cor castanho acinzentada, com a parte livre 3 vezes mais comprida do que a semente. O número de sementes por quilo é de 17.000 a 22.000; 125-130 pinhas contém 1 Kg de penisco e cada pinha produz 140 a 170 sementes.

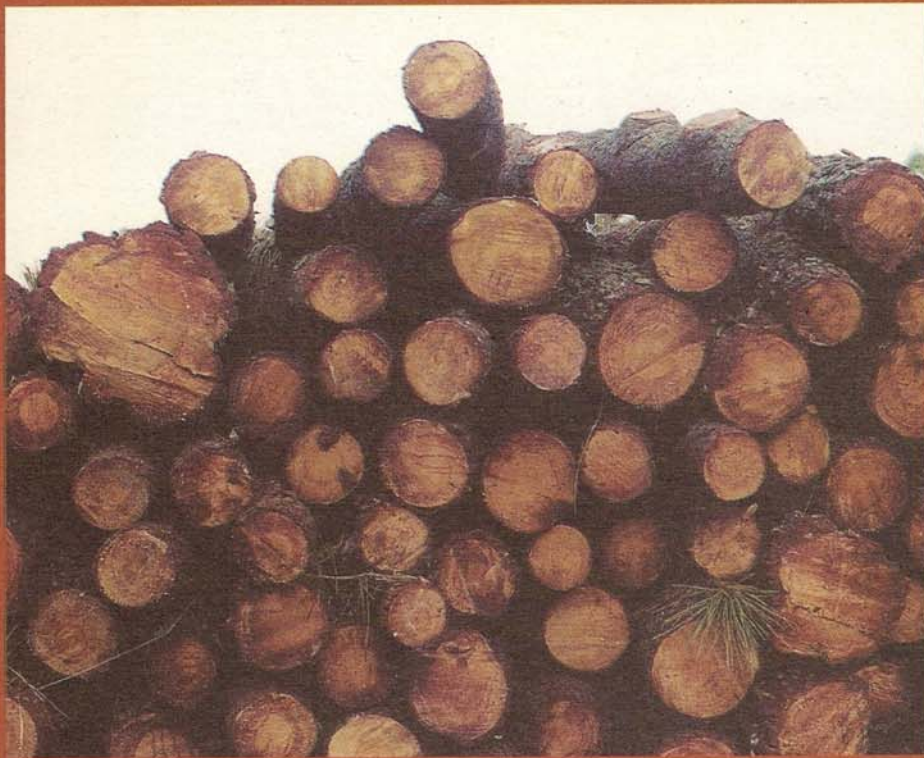
A Floração dá-se entre Março e Maio, as pinhas amadurecem no final do verão do 2º ano, mas a sua abertura e queda das sementes apenas se verifica na primavera ou verão do 3º ano.

Segundo Ruiz de la Torre as diferenças mais salientes, nas características entre as duas sub-espécies da *Pinus Pinaster* são.

- *Atlântica* - menor porte; tronco algo mais tortuoso; copa mais estreita e regular; ramos erecto-patentes; casca delgada; agulhas curtas, verde brilhante e com 2 canais resiníferos cobertos pela bainha, resina menos abundante; crescimento mais rápido.
- *Mesogeensis (Mediterrânica)* - maior porte; tronco mais direito; copa ampla; ramos horizontais; casca grossa; agulhas de comprimento variável, conforme as variedades ou raças, de cor verde escura com mais de 2 canais resiníferos por baixo da bainha; resina mais abundante; crescimento mais lento.

tronco geralmente
mento e 2 mm de
scículos com três





Localização em Portugal

A área natural desta espécie engloba os seguintes países: Portugal, Espanha, França, Itália, Marrocos, Argélia e Tunísia. Em Portugal a área e dispersão do pinheiro bravo é bastante vasta. É sem dúvida na região Litoral do Centro e Norte do País que se concentra a maior parte do pinheiro bravo. No Sul esta espécie apenas se concentra nas bacias Terciárias do Tejo e Sado, faixa litoral Alentejana e Serras de Monchique e S. Mamede (de Portalegre).

Nas últimas décadas tem-se assistido a uma diminuição significativa da área ocupada pelo pinheiro bravo, em detrimento de folhosas de crescimento rápido, sobretudo o eucalipto.

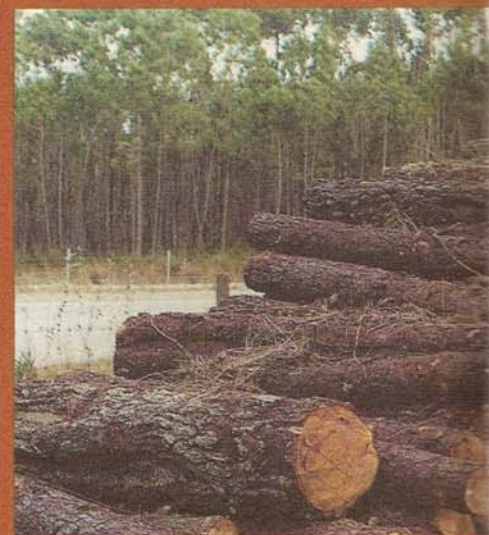
Não queremos deixar de mencionar que a floresta portuguesa foi bastante afectada pelos incêndios, sobretudo desde 1974, que devastaram fortemente a nossa floresta, grande parte de pinhal bravo. No entanto, a diminuição da área de pinhal não foi significativa, em virtude de se ter dado uma intensa regeneração natural, proveniente de pinhas que abrem após os incêndios e que disseminam as sementes por todo o terreno ardido, originando assim um novo povoamento.

Pena é que, este processo de repovoamento natural, em que o solo fica normalmente coberto de denso pinhal, não tenha sido de uma maneira geral, devidamente acompanhado, por tratamentos culturais adequados, em que se destacam as limpezas e os desbastes convenientes, bem como a abertura de caminhos e aceiros, para melhor defesa do novo património florestal constituído.

Infelizmente não se tem aproveitado devidamente esta regeneração natural,

pois o novo pinhal nasce ao "Deus dará", ficando assim abandonado, com uma densidade excessiva, onde se torna quase impossível penetrar, e, por isso, com diminuto interesse económico, ou, então, é outra vez pasto de novos incêndios, em que a possibilidade de regeneração natural se perdeu, ficando assim o terreno definitivamente desarboreado.

É de salientar também a presença desta espécie em terrenos arenosos litorais, em áreas dunares, favoráveis à sua cultura, bem como nas bacias Terciárias do Tejo e do Sado, que se estendem bastante para o interior, sem contudo deixarem de beneficiar da influência atlântica, em virtude da brisa marítima canalizada ao longo dos vales desses rios e seus afluentes. Nestas zonas ecológicas, sobretudo a nível basal, é, sem dúvida, a influência atlântica que, em relação às mediterrânea e continental, constitui o factor que melhor define a potencialidade (e lógica) dessas zonas para a cultura do pinheiro bravo, que, por isso, vai diminuindo progressivamente de Norte para Sul do país.



Perspectiva Económica e Social

Utilização da madeira de pinho

A produção média anual de madeira de pinheiro bravo é de 6,2 milhões de metros cúbicos (c/c) (dados de 1999), e destina-se quase integralmente (80%) às indústrias da serração, sendo os restantes consumidos por outras indústrias, como sejam, as celuloses, os aglomerados e contraplacados e outras. A indústria de serração apresenta-se assim, como a principal consumidora de madeira de pinho. Cerca de metade da produção é destinada à exportação, destacando-se as paletes, madeiras de construção e caixas, representando no total cerca de 820.000 toneladas, das quais 66% respeitam a paletes (dados de 1991). A restante parte da produção, na quase totalidade constituída por madeiras de construção, é consumida internamente.

As celuloses, para além do enorme volume de eucalipto que utilizam, consomem igualmente madeira de pinheiro em quantidades assinaláveis, resultando na produção de mais de 304.000 ton. de pasta Kraft (dados de 1991).

Também a madeira de pinho é utilizada

em aglomerados e contraplacados, e, ainda, em postes telefónicos, esteios para minas, postes para vedação, travessas de caminho de ferro, combustível, etc, consumindo anualmente cerca de 1.300.000 toneladas (dados de 1991).

Do pinheiro bravo pode, ainda, extrair-se a resina. Se bem que de uma maneira geral todas as coníferas possam produzir resina, no entanto, apenas algumas espécies de pinheiro têm sido (ou foram) exploradas para extracção de gema (resina) destacando-se entre elas o pinheiro bravo (*Pinus pinaster*), em Portugal.

Os métodos de resinagem evoluíram bastante, tendo-se utilizado inicialmente o sistema português, depois o francês e, a partir de 1956, o americano ou químico.

No que respeita aos tipos de exploração da resinagem há a considerar 2 casos: resinagem à vida e à morte.

A produção média anual por ferida é da ordem de 2Kg na resinagem à vida e de 1,8Kg na resinagem à morte. No

entanto as produções podem variar bastante de região para região, ou mesmo de árvore para árvore, sendo de assinalar vulgarmente produções de 3 a 4Kg por ferida.

A gema, depois de destilada, decompõe-se nas seguintes percentagens:

- Aguarráz (20%); Pêz ou colofonia (70%);
- Impurezas (10%).

No País existiram, no início da década de 90, cerca de 50 fábricas de destilação de resina, sendo hoje o seu número reduzido a cerca de uma dúzia.

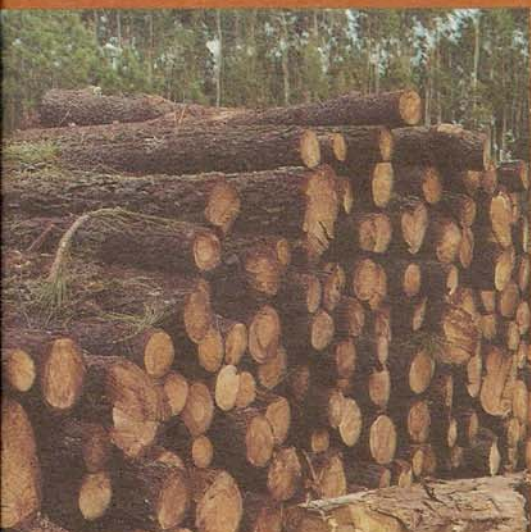
A produção média anual de pêz e a de aguarráz e seus derivados, tem vindo a diminuir, sendo estes produtos, em grande parte exportados.

Grande parte dos produtos resultantes da destilação da gema (mais de 90%) são exportados, alimentando um leque variado de indústrias de tintas, vernizes, fósforos, colas, papelarias, farmácia, perfumaria e químicas em geral.

Actualmente, para o conjunto de pinhal, a produção de gema pode estimar-se em cerca de 1.000 toneladas, o que significa um significativo decréscimo de produção nas últimas décadas (da ordem de 1 para 10).

Além da importância económica da resina no complemento da rentabilidade do pinhal, ela alimenta uma indústria resinera, em que os produtos obtidos, na sua grande parte, são exportados.

Ensaio de novas tecnologias de resinagem indicam produtividades duplas das actuais e conduzirão certamente a renovado interesse na actividade.



Perspectiva Histórico-cultural

O pinhal teve como objectivo, não só, aumentar a produção de madeira para a construção de barcos, casas, pipos, dornas, mobílias, maceiras para amassar o pão, elemento essencial para a alimentação humana da época, mas também foi plantado para proteger as terras de cultivo, para impedir que as areias do mar danificassem as culturas, etc..

D. Dinis teve essa preocupação com a plantação do pinhal de Leiria, assim como para a construção das barcas ou barinéis com velas quadrangulares que percorriam os mares levando e trazendo os produtos que faziam parte do comércio medieval. Os estaleiros navais junto aos principais portos do país eram uma constante, mantendo-se até aos nossos dias, apesar dos meios de transporte mais sofisticados.

O pinhal passou a ser, desde a Idade Média, uma das maiores fontes de riqueza, apesar do seu crescimento lento.

A madeira do pinheiro tem sido utilizada como matéria-prima para a construção da maioria dos objectos necessários ao dia a dia; o tanoeiro trabalha a madeira, arduamente para obter as dornas, os pipos e as arcas que servem de celeiro, etc.. O cesteiro divide-a em lascas para construir as cestas e os cestos que transportam os mais variados objectos. O carpinteiro constrói os beirais e as varandas, que tanto caracterizam a casa portuguesa nortenha e as mobílias que preenchem o recheio das habitações.

A importância desta fonte de receita é enorme, ao longo dos tempos, porque ela gera riqueza e cria o bem-estar da humanidade e fomenta o progresso.

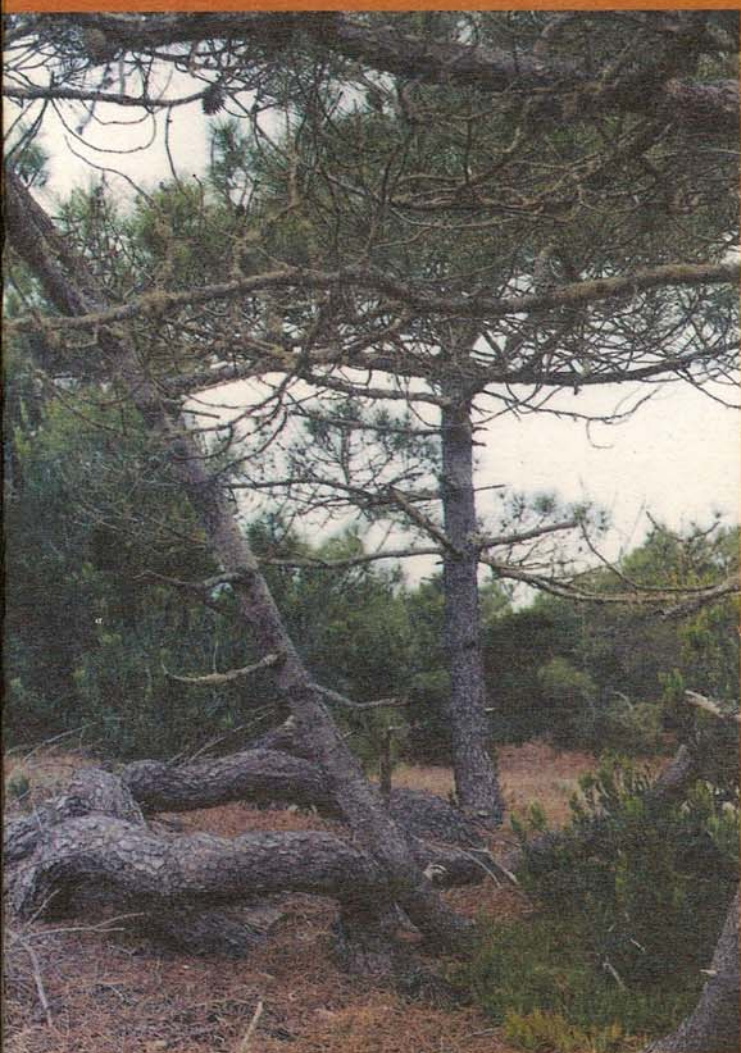
Os pinheiros com as mais variadas idades e, logicamente, tamanhos, dão à paisagem uma beleza inconfundível, que se avista no horizonte, assemelhando-se a uma manta de retalhos, proporcionando um espectáculo único na floresta portuguesa.

O pinheiro faz parte incondicional da vida das pessoas trazendo-lhe vivências e modos de vida,



que se vão alterando/modificando com as “novas” matérias-primas que vão surgindo e criando outros hábitos nas pessoas e na sua cultura.

Nos nossos dias a cultura do pinheiro começa a diminuir, devido à existência de outras espécies arbóreas de crescimento rápido ligadas à produção de papel. É a alteração da paisagem, nem sempre executada correctamente e nem sempre adaptada às características edafo-climáticas, pelo que, nestas circunstâncias, pode causar malefícios à floresta e consequências, por vezes, irreparáveis.





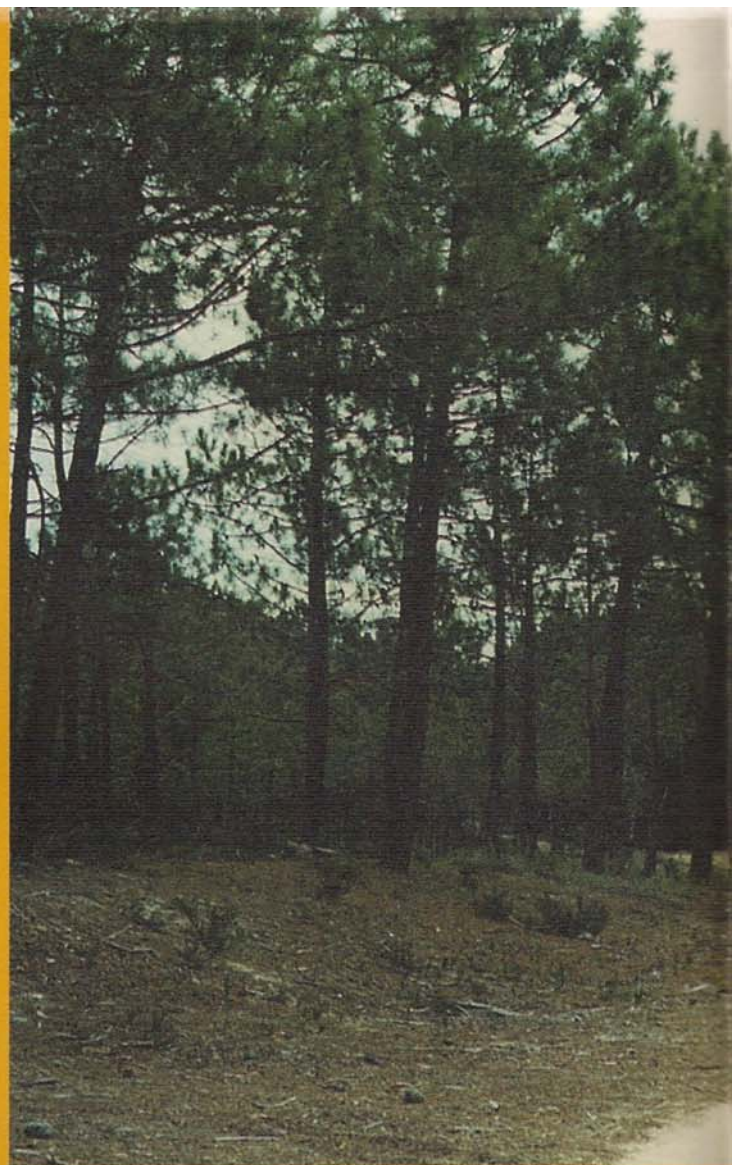
Perspectiva Ambiental

Condições ecológicas

Portugal tem condições ecológicas altamente favoráveis para o fomento desta cultura florestal, especialmente nas regiões de influência marítima, a qual poderá ser bastante alargada, acaso sejam devidamente aproveitados parte dos terrenos de capacidade de uso apenas florestal, hoje incultos ou aproveitados por culturas agrícolas marginais, dentro das zonas ecológicas mais favoráveis.

Existindo tanto em estruturas etárias regulares como irregulares, e constituindo-se em povoamentos puros ou mistos, os povoamentos de pinheiro bravo seguem um padrão de fragmentação fundiária, dominante em largas zonas, os povoamentos desta espécie ocorrem em manchas diversificadas quanto a gradações de idades, fases de desenvolvimento ou tratamento silvícola, associando uma flora arbustiva variada e desenvolvendo interfaces extensas com outros tipos de ocupação do solo. A multiplicação dos maciços de pequena e média dimensão, constitui aspecto vantajoso para a conservação da diversidade, quer pelo incremento do "efeito de orla", quer pela presença significativa de corredores ecológicos muitas vezes suportados numa rede hidrográfica onde as galerias rípicolas assumem assinalável expressão e variedade específica.

Igualmente de assinalar, a existência de exemplos de povoamentos



realizados em Portugal, em que o pinheiro se assumiu como solução em situações edáficas muito desfavoráveis, onde alguns serviços florestais souberam contrariar as tendências e buscar uma saudável diversidade das espécies utilizadas e uma interessante compartimentação dos espaços. Desta forma, são hoje frequentes as situações resultantes dessas acções pioneiras de arborização, em que, após uma única revolução (geração de árvores) se instalou um rico coberto arbóreo constituído por espécies climáticas de elevado valor quer económico, quer ambiental. Destaque para o caso da Serra de S. Mamede, onde se instalaram naturalmente os castanheiros (*Castanea sativa*) no sub-bosque de pinheiro bravo, permitindo substituir a resinosa no termo da revolução, depois de ter criado as condições de solo para a germinação das castanhas, e com o seu coberto ter dado aos castanheiros o abrigo que careciam inicialmente, como espécie de meia luz para constituírem o novo povoamento de folhosas.

Pela importância ecológica que apresenta, há que aproveitar melhor as potencialidades ecológicas existentes, para o fomento desta espécie. Esse investimento passa por se adoptarem novas técnicas de arborização (semelhantes às adoptadas para espécies exóticas de rápido crescimento), por salvaguardar desde já os povoamentos existentes,



tornando-os mais produtivos através de desbastes necessários e de ordenamentos adequados (construção de uma adequada rede de caminhos e aceiros, postos de vigia, e de meios rápidos e eficientes de combate aos incêndios).

Não queremos deixar de frisar a importância das primeiras limpezas e subseqüentes desbastes selectivos do pinhal espontâneo (principalmente resultante dos incêndios) ou semeado, pois é sem dúvida desta operação cultural que depende o futuro destes povoamentos. Há que incentivar uma verdadeira campanha de desbastes e por fim há que arborizar, segundo as novas técnicas.

Nestas condições há que enveredar pela plantação, com plantas criadas em viveiro de sementes seleccionadas, com o terreno devidamente mobilizado e em que os compassos de plantação permitam, logo nos primeiros anos, a realização das tarefas indispensáveis à boa condução dos povoamentos com instrumentos e máquinas adequadas, para uma melhor rentabilidade desta cultura florestal.



Pragas e doenças do Pinheiro bravo

No que respeita a pragas e doenças de pinheiro bravo, este é atacado por inúmeras pragas (nomeadamente por insectos) e por algumas doenças, por fungos, alguns transmitidos pelos próprios insectos (pelos escolitídeos).

No que respeita a doenças, o Nemátodo, *Bursaphelenchus xylophilus* representa, pelo seu carácter de agente nocivo primário, a maior ameaça para o futuro das nossas florestas de pinheiro bravo, embora esteja confinado a uma área restrita do país, em virtude do grande esforço de irradiação que se encontra em curso.

Sabe-se que o nemátodo do pinheiro (um "bichinho" transparente bastante frequente na América do Norte e Ásia Oriental, com elevada capacidade de destruição do pinhal) é normalmente transportado por insectos que desovam nas árvores. As manifestações sintomatológicas da acção do nemátodo são semelhantes aos sintomas de seca da copa dos pinheiros. Geralmente, a descoloração das agulhas observa-se em ramos individuais, que gradualmente se alastram para a totalidade da copa. A seguir vai progressivamente até à raiz, obstruindo os canais de resina com as dezenas de ovos que põe ao longo de 28 dias de duração. A acção do nemátodo seca por completo a árvore e culmina com a morte da árvore, podendo esta morrer 2-3 meses após a infecção face à enorme reprodução do nemátodo, dependendo do vigor do pinheiro e das condições ambientais.

As principais pragas que atacam o pinheiro bravo, podem ordenar-se do seguinte modo:

1. Desfolhadores - é a *Thaumetopoea* (a processionária do pinheiro) a principal e quase única desfolhadora do pinheiro bravo. As lagartas andam em fila indiana no chão, nos caminhos ou nos troncos dos pinheiros entre Março e Abril, quando atingem a última fase, e se encaminham para a crisalidação, que é feita dentro do solo.

O insecto adulto é uma borboleta que aparece em Julho e Agosto, fazendo a postura entre 200 a 600 ovos em torno da base das agulhas.

As lagartas aparecem três a quatro semanas depois com apenas 1,5 mm, e, no último estado atingem 30/40 mm de comprimento, sendo cobertas de pêlos urticantes que provocam afecções cutâneas muito dolorosas e que podem ter consequências graves, especialmente se atingem as mucosas dos olhos, aparelho respiratório, etc.

Inicialmente são praticamente imóveis e comem apenas superficialmente as agulhas, passando depois a devorá-las por completo, podendo, em poucos dias, desfolhar áreas significativas de pinhal.

Esta praga tem bastantes inimigos naturais, que não raras vezes conseguem evitar a sua proliferação e até debelá-la: dentro dos pássaros, é de salientar o cuco, o estorninho e o chapim real, grandes devoradores destas lagartas. No que respeita a insectos há a considerar os seguintes parasitas: dos ovos; das lagartas e das crisálidas.

2. Sugadores de agulhas (folhas) - O *Matsucoccus feytandi* é uma cochonilha, que além do ataque que faz, proporciona condições para que outras pragas possam provocar elevadas mortandades.

3. Sub-corticais ou mineiros que atacam povoamentos novos - A mais comum é a *Rhyacionia buliana* que provoca a deformação da flecha em forma de S, e por esse facto é conhecida por "torcedoura".

4. Sob-corticais atacando árvores enfraquecidas - Os que podem provocar maiores estragos são sem dúvida a *Ips sexdentatus*, a *Ips erosus* e a *Myelophilus piniperda*. São insectos cujas larvas escavam galerias no entre casco, interrompendo a circulação da seiva, provocando a morte da árvore.

5. Destuidores de pinhas - São insectos cujas larvas atacam as pinhas. Há a considerar principalmente a *Pissodes validirostris* e a *Dorytria mendacella*, sendo esta a mais prejudicial.



BIBLIOGRAFIA:

- Forey, Pamela, (1996) - "*Árvores*", coleção "*Pequenos Guias da Natureza*", Plátano Edições Técnicas", Lisboa, pg. 106
- Godinho, Paulo e outros, (1992) - "*Fichas de árvores do nosso país*", Serviço de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa
- Goes, Ernesto, (1991) - "*A Floresta Portuguesa*", Portucel, Lisboa, pg. 57 a 76.
- Humphries, C.J. e outros, (1996) - "*Árvores de Portugal e Europa*", FAPAS/CMP, Porto, pg. 74.
- Oliveira, Ângelo C.; Pereira, João S.; Correia, Alexandre V., (2000) - "*A silvicultura do pinheiro bravo*", Centro Pinus, Lisboa, 114 pg.
- Pereira, Rute; Neiva Vieira, José; Pinto, M. José e outros - (2001) - "*Florestas de Portugal*", Direcção Geral de Florestas, Lisboa, 255 pg.
- Ruiz de la Torre, L., (1971) - "*Arboles y Arbustos de la España Peninsular*", Inst. Florestal de Inv. Y Experiencias, Madrid.

Concurso de Postais de Natal 2001/2002

(postais das escolas, um por escola, de entre aquelas que concorreram)

Foram às centenas as fotografias que nos chegaram para estes três concursos propostos pelo Polenix aos Clubes para a época natalícia.

A escolha foi muito difícil, pois a variedade e a qualidade deixaram-nos positivamente surpreendidos. A mostra que aqui deixamos diz respeito aos postais de Natal que os clubes enviaram (apenas um por cada clube), bem como todos os Postais, Presépios e Árvores de Natal premiadas.

Concurso Postais de Natal:

1º - PREMIADOS COM PUBLICAÇÃO NO POSTAL DE NATAL PROSEPE:

- Clube da Floresta, "**Os Mochos do Verde Pinho**", da E.B./2,3 de Guilherme Sthepens – Marinha Grande, Leiria (Id-46)
- Clube da Floresta, "**Florijovem**", da Esc. Sec. Cartaxo, Santarém (Id-163)
- Clube da Floresta, "**Pardais do Cerco**", da E.B./2,3 do Cerco, Porto (Id-219)
- Clube da Floresta, "**T.R. – Trichómanes Radicanes**", da E.B./2,3 Padre Américo – Valongo, Porto (Id-222)
- Clube da Floresta, "**Que Luz na Floresta**", da Esc. Sec. Padre Alberto Neto, Lisboa (Id-245)
- Clube da Floresta, "**Canis lupus**", da E.B./2,3 de Vila Franca das Naves, Guarda (Id-340)
- Clube da Floresta, "**Os Coelhos**", da A.P.P.A.C.D.M. – Marinha Grande, Leiria (Id-362)
- Clube da Floresta, "**Platanus**", do Colégio da Imaculada Conceição – Lamego, Viseu (Id-366)
- Clube da Floresta, "**O Melro Vigilante**", da E.B./2,3 Padre António Lourenço Farinha – Sertã, Castelo Branco (Id-368)
- Clube da Floresta, "**O Plátano**", da Esc. Sec. de Alijó, Vila Real (Id-429)
- Clube da Floresta, "**Raizes**", da Esc. Sec. Marquesa de Alorna – Almeirim, Santarém (Id-483)



Id: 25 - Clube da Floresta da Esc. Sec. do Morgado de Mateus, Vila Real



Id: 486 - As Toupeiras da E.B./2,3 Frei Bartolomeu dos Mártires, Viana do Castelo



Id: 425 - Os Coelhoitos da E.B./2,3 Abel Salazar - Guimarães



Id: 198 - Águia Real da E.B./2,3/Sec. de Rio Caldo

Concurso de Natal



Id: 41 - A Formiga do
Mirante da E.B./2,3 Dr. Luciano
Justo Ramos - Mira de Aire



Id: 517 - A Lebre da E.B./2,3
Damião de Gois - Lisboa



Id: 108 - O Exército dos
Gnomos da Esc. Sec. de
Tábua



Id: 328 - Os Verdininhos da
E.B./2,3 Dr. Nuno Simões -
Calendário



Id: 398 - O Cão de água
Português da E.B./2,3
João da Rosa - Olhão



Id: 367 - Os Tronquinhos da
Esc. Sec. Amato Lusitano,
Castelo Branco



Id: 352 - Os Amigos
do Verde da Esc. Sec.
de Lousada



Id: 360 - Ar livre, Ambiente
e Escalada da E.B./2,3 de
Sobrado, Porto



Id: 381 - As Azeitoninhas
da E.B./2,3 de Vimioso



Id: 412 - As Pinhas da E.B./I
de Penela - Souto Santa
Maria - Guimarães



Id: 527 - Os Ratolas da
Esc. Sec. de S. Pedro,
Vila Real



Id: 466 - O Javaleiro da
E.B./I de Godiães



Id: 434 - Saca Rabos da
E.B./2,3 de Mafra



Id: 126 - Miosótis da Esc.
Sec./3 Frei Rosa Viterbo -
Satão



Id: 132 - Os Texugos da
E.B./2,3 Castro Matoso -
Oliveirinha



Id: 262 - Os Ecotílias da
E.B./2,3 Eugénio de Castro,
Coimbra

Concursos



Id: 205 - Terra Viva da E.B./2,3 de Ceira



Id: 118 - O Mocho da E.B./2,3 de Carregal do Sal



Id: 240 - Bufo Real da E.B./2,3 da Freixianda



Id: 356 - Aventureiros da Floresta da E.B./2,3 Mouzinho da Silveira



Id: 473 - Os Cucos de Cucujães da E.B./2,3 Dr. Ferreira da Silva - Cucujães



Id: 468 - Nemus da E.B./2,3 Passos José - Guifões



Id: 538 - Os Seiva da Esc. Sec./3 nº3 de S. João da Madeira



Id: 494 - Os Esquilos da E.B./2,3 José Afonso de Alhos Vedros



Id: 533 - Os Bolotinhas da E.B./2,3/ Sec. de Celorico de Bastos



Id: 520 - O Caimão da E.B./2,3 de Inês de Castro, Coimbra



Id: 333 - Ouricinhos da Esc. Sec. de Mogadouro



Id: 541 - Os Amendulas da E.B./2,3 nº3 de Albufeira



Id: 359 - Cepa Verde da E.B./2,3/Sec. de S. João da Pesqueira



Id: 348 - A Família das Acácias da E.B./2,3 de Santa Marinha do Zêzere



Id: 140 - A Magia da Mancha Verde da E.B./2 Pêro da Covilhã, Castelo Branco

d e N a t a l

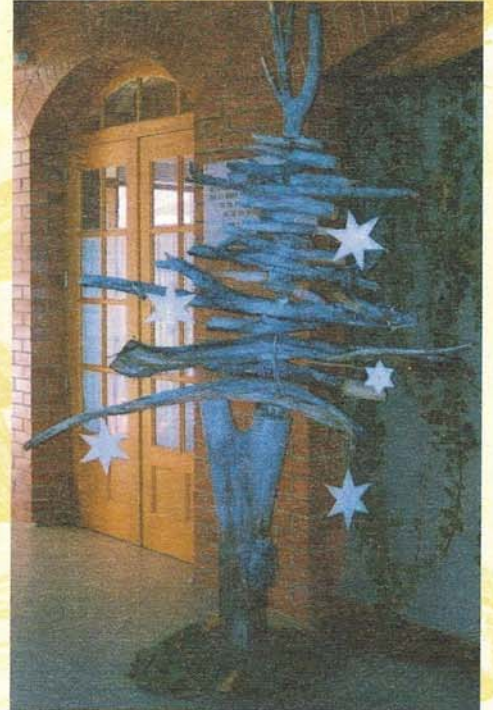
Árvores



Id-271 • 2º) Clube da Floresta, "O Cortiço", da Esc. Sec. Prof. Dr. Faria de Vasconcelos, Castelo Branco



Id-516 • 1º) Clube da Floresta, "Abelhas na Floresta", do Agrupamento de Escolas da Abelheira, Viana do Castelo



Id-362 • 3º) Clube da Floresta, "Os Coelhos", da A.P.P.A.C.D.M. - Marinha Grande, Leiria

MENÇÕES HONROSAS



Id-127 • Clube da Floresta, "Os Raposinhos", Esc. Sec. de Tondela, Viseu



Id-535 • Clube da Floresta, "O Arminho", da E.B./2,3/Sec. de Ribeira de Pena, Vila Real

Concurso

Presépios



Id-365 • 1º) Clube da Floresta, "Cedro do Mato", da E.B./2,3 Canto da Maia, Açores



Id-533 • 2º) Clube da Floresta, "Os Bolotinhas", da E.B./2,3/Sec. de Celorico de Basto, Braga



Id-540 • 3º) Clube da Floresta, "O Lince", da A.P.P.A.C.D.M. de Castelo Branco

MENÇÕES HONROSAS



Id-176 • Clube da Floresta, "O Azevinho", da E.B./2,3 Gonçalo Nunes, Barcelos



Id-93 • Clube da Floresta, "Os Amigos dos Bacorinhos", da E.B./2 de Tábua, Coimbra



Id-271 • Clube da Floresta, "O Cortiço", da Esc. Sec. Prof. Dr. Faria de Vasconcelos, Castelo Branco

de Natal



Id: 317 - Os Esquilos da Esc. Sec. de Santa Maria da Feira



Id: 4 - Os Navegadores da E.B./2,3 de Freixo de Espada à Cinta



Id: 6 - Os Amigos do Porco Rico da E.B./2,3 de Vinhais



Id: 248 - Os Besteirinhos da E.B./2,3 de Campo de Besteiros



Id: 103 - O Javali Matreiro do Agrupamento de Escolas Infante D. Pedro - Penela



Id: 62 - Marão, Floresta Viva da E.B./2,3 do Marão



Id: 63 - Roblinhos da Esc. Sec. de Carvalhos



Id: 193 - O Souto da E.B./2,3 de S. Paio de Moreira Cónego - Guimarães



Id: 237 - Borboleta e Amigos Lda. da E.B./2,3 de Celeirós



Id: 174 - Os Mochos da Ola da E.B./2,3/Sec. de Monte de Ola, Viana do Castelo



Id: 19 - O Mocho Azul da E.B./2,3/Sec. Prof. António da Natividade - Mesão Frio



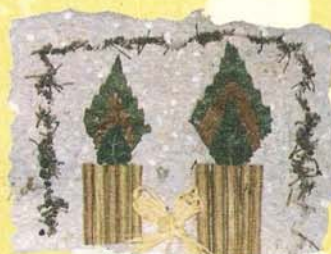
Id: 307 - Os Azeitonhinhos da E.B./2,3/Sec. de Vila Flor



Id: 147 - Gualfo da E.B./2 de Mira



Id: 66 - Os Curtiçolas da E.B./2,3/S Pedro da Fonseca - Proença-a-Nova



Id: 416 - Os Palmeirinhas da E.B./2,3 de Palmeira

Concurso



Id: 199 - A Casca da E.B./ 2,3
Vieira de Araújo - Vieira do
Minho



Id: 364 - Buteo buteo
rotschildi, da E.B./2,3 Rui
Galvão de Carvalho -
Açores



Id: 105 - O Esquilo da
E.B./2,3/Sec. Dr. Daniel de
Matos - Vila Nova de
Poiares



Id: 560 - As Rosas e os
Cravos da E.B./2,3 Dr.
João Rocha - Pai, Aveiro



Id: 465 - As Gralhas da
Esc. Sec./3 de Maria de
Lamas - Torres Novas



Id: 165 - O Esquilo da
E.B.I. de Gualdim Pais -
Pombal



Id: 206 - Os Cogumelos
da E.B./I de Igreja - Briteiros
- São Salvador, Braga;



Id: 502 - O Loureiro da
E.B./2,3/Sec. Padre Manuel
Álvares, Madeira



Id: 194 - Açor da E.B./2,3
de Briteiros - Braga



Id: 455 - Bué de
Florestais da E.B./2,3 de
Lousada



Id: 498 - Os Medronhos
da E.B./2,3 Gomes Teixeira
- Armamar



Id: 324 - Chincharravelho
da E.B./I de Eirado - Amares,
Braga



Id: 8 - Floresta Sempre da
Esc. Sec./3 de Carvalhais,
Bragança



Id: 120 - As Andorinhas da
E.B./2,3 Gomes Eanes de
Azurara - Mangualde



Id: 221 - Os Pulmões do
Mundo da E.B./2,3 do Viso



Id: 86 - O Habitat da E.B./
2,3 Padre António Morais da
Fonseca - Murtosa

d e N a t a l



Id: 114 - Floresta radical
E.B./2,3 de Manteigas



Id: 102 - Os castanheiras
da E.B./ 2,3 de Oliveira do Hospital



Id: 135 - O Milhafre da
E.B./2 de Albergaria-a-Velha



Id: 543 - Os protectores
da E.B./2,3 de Maceda



Id: 383 - Hedera helix da
E.B./2,3 Domingos Capela,
Aveiro



Id: 521 - As Lontrinhas
da E.B.I./1,2,3 de Mões -
Castro d'Aire



Id: 516 - Abelhas na
Floresta do
Agrupamento de Escolas
da Abelheira



Id: 492 - Os Gaviões
da E.B.I. de Gavião



Id: 90 - Sementinha da
Esc. Sec. de Estarreja



Id: 546 - As Avezinhas
do Lar de St.º. António
da Cidade de Santarém



Id: 164 - Suber Strix da
E.B./2,3 Dr.Armando Lizardo
de Coruche



Id: 265 - O Mocho
da E.B./2,3 de
Condeixa-a-Nova nº 2



Id: 311 - Os Mochos da Esc.
Sec. de Albergaria-a-Velha



Id: 312 - Ramos do
Futuro da E.B./2,3 de
Vilarinho do Bairro



Id: 306 - Repolgas
Moreninhos da E.B./2,3
Augusto Morenho,
Bragança;



Id: 301 - Os Cervinhas
da E.B./2,3 de Cerva

Concursos



Id: 34 - O Voo na Floresta
da E.B./2,3 Manuel Figueiredo - Torres Novas



Id: 39 - Folhinha de Plátano da E.B./ 2,3
António Feijó - Ponte de Lima



Id: 36 - Verde Horizonte da E.B./2,3/
Sec. de Mação



Id: 55 - Solidariamente Solidários com o Pinhal
da Esc. Sec./3 Pinhal do Rei - Marinha Grande



Id: 51 - O Penisco da E.B./2,3 Prof. Alberto Nery Capucho - Leiria



Id: 388 - Os Koalas de Sines da E.B./2,3 Vasco da Gama de Sines



Id: 504 - Os Guarda-Rios da Esc. Sec. de Nelas



Id: 143 - A Floresta em Família
da E.B./3 Quinta das Palmeiras - Covilhã, Castelo Branco;



Id: 141 - Morcegos da Floresta da Esc. Sec. Campos Melo - Covilhã



Id: 281 - Coelhos Radicais da Esc. Sec. de Figueiró dos Vinhos



Id: 233 - O Tecto do Mundo
da E.B.I./1,2,3 de Peniche



Id: 83 - As Pinhas da Floresta
E.B./2,3 de Vale de Cambra



Id: 406 - O Esquilo da Esc. Sec. de Monserrate, Viana do Castelo



Id: 554 - A Alma de ver a Floresta da E.B./2,3 de Fernão Lopes - Lisboa



Id: 553 - Os Sartigalhos do Agrupamento de Escolas de Sendim, Bragança

d e N a t a l



Id: 93 - Os Amigos dos Bacorinhos da E.B./2 de Tábua



Id: 70 - Floresta Rei da E.B.I. do Centro de Portugal - Vila de Rei



Id: 314 - O Ouriço da E.B./2,3 de Mundão



Id: 540 - Lince da A.P.A.C.D.M., Castelo Branco



Id: 162 - O Bolota da Esc. Sec. D. Sancho II - Elvas



Id: 211 - Canis lupus da E.B./2,3 da Pontinha



Id: 42 - Chapins da E.B./ 2,3 D. Dinis - Leiria



Id: 145 - Um por todos e todos pela Floresta da E.B./2,3 de S. Pedro d'Alva



Id: 88 - Os Mochos da E.B./2,3 Prof. Dr. Egas Moniz - Avanca, Aveiro;



Id: 119 - Balluta Radical do Agrupamento Vertical de Vouzela



Id: 75 - Os Murteirinhas da E.B./2,3 de Ilhavo



Id: 539 - Girassol da E.B./2,3 Padre António Luís Moreira - Carvalhos, Porto



Id: 44 - Chapoupa do Agrupamento de Escolas de Atouguia da Baleia



Id: 274 - Açor da E.B./2,3 de Arganil



Id: 427 - Nós e a Floresta da E.B./2,3/S Dr. Manuel Ribeiro Ferreira - Alvaiázere



Id: 454 - Pica-Pau da E.B./2 de Figueira de Castelo Rodrigo



Id: 208 - Os Gaios E.B.I. Prof. Dr. Anibal Cavaco Silva - Boliquireme



Id: 68 - Os Castores da E.B./2,3 de Silvares, Castelo Branco



Id: 224 - Os Sapinhos da E.B./2,3 D. Luís de Mendonça Furtado - Barreiro

Concurso de Natal

Outono Prosepe

S. Martinho nas escolas

Na tradicional época de S. Martinho os Clubes da Floresta, não deixaram no esquecimento uma data tão conhecida e lembrada por todos.

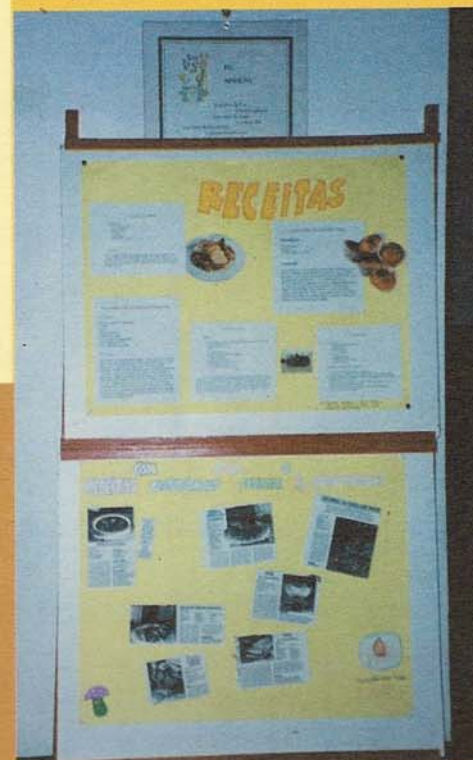
Cada escola desenvolveu as suas actividades, umas mais variadas do que outras, mas em nenhuma delas faltou o tão característico "Magusto", e em muitas estiveram

nozes, amêndoas, castanhas, avelãs, pinhões, etc., arranjos com abóboras, cabaças, ouriços, folhas de castanheiro, junco, carvalho



com bolotas, pinhas, urze, carqueja, gilbardeira, etc.

A tradicional louça de barro, a toalha de linho ou estopa com a ementa própria da época: broa com chouriço, azeitonas, caldo verde, torresmos e um sem número e iguarias que fazem deliciar o paladar nesta época, acompanhadas pelas canecas que simbolizam a abertura do pipo na



presentes as barraquinhas tradicionais com as vendedoras envergando os trajes a rigor da época, as pregoeiras declamando os seus típicos pregões, aquele cheirinho salutar a castanhas assadas, os concursos das quadras relacionadas com a temática de S. Martinho, o colorido e o tom acastanhado das folhas a decorar



o painel de fotografias com as actividades dos clubes.

A decoração do polivalente ou da(s) sala(s) com frutos secos:



adega. Ao canto, uma lareira virtual, com a panela de ferro, onde, em tempos de outrora, se cozinhava o caldo verde, se assava a sardinha nas brasas e em cima das trempes se confeccionavam no tacho de ferro, os torresmos de porco, cujo molho encantava qualquer um em cima do naco de pão ou broa.

E para que se passasse do virtual ao real, as cantinas continuaram esta tradição com a ementa tradicional:

- Sopa de nabos
- Rojões com castanhas
- Castanhas assadas, que foram servidas pelos alunos do Clube da Floresta em cartuchos elaborados com as folhas das páginas amarelas, como sobremesa.



Os clubes divulgaram a morfofisiologia do castanheiro, como, por exemplo, a classificação do fruto, da semente, a composição química da castanha, também alguns Clubes deram a conhecer um *Glossário* com termos regionais relativos ao castanheiro, árvore por excelência desta época.

Utilizaram-se ainda, para as exposições, cartazes, quadras, provérbios, adivinhas, lendas, pintura.... actuações de música e dança estiveram também presentes, e até houve espaço e tempo para exibição de momentos mágicos de circo.

Eis alguns provérbios já de todos conhecidos e outros, menos conhecidos, da autoria dos clubes:



- No dia de S. Martinho, com 10 castanhas enche-se o saquinho.
- No dia de S. Martinho, agarra-se o porco pelo focinho.
- No dia de S. Martinho, assam-se as castanhas com a caruma do pinho.
- No dia de S. Martinho, canta o galo no seu poleirinho.
- No S. Martinho, vai-se á caruma debaixo do pinho.
- No dia de S. Martinho, assa-se a morcela e o chouricinho.
- Do S. Martinho ao Natal, o médico e o boticário enchem o bernal.
- Se o Inverno não erra caminho, têlo-ei pelo S. Martinho.
- Se queres pasmar teu vizinho, lavra, sacha e esterca pelo S. Martinho.
- Pelo S. Martinho prova o teu vinho, ao cabo de um ano já não te faz dano.

Clube "O Lince da Malcata" – E.B./2,3 do Sabugal – Guarda

Glossário - Significados e Regionalismos:

- **Bilhó** - castanha assada
- **Calibrar** - escolher por tamanhos
- **Candeia** - nome popular da flor do castanheiro
- **Castanha Lada** - menos grada, cai primeiro do que a judia
- **Castanha Longal** - doce e molhada, boa para comer assada.
- **Castanha Judia ou Judiega** - é redonda e grande
- **Castanha Pilada** - castanha descamada e seca.
- **Castanhal ou castanhedo** - mata de castanheiros
- **Castinçal** - mata de castanheiros bravos
- **Castanheira** - mulher que assa castanhas para vender
- **Castanho** - madeira de castanheiro
- **Grémio** - lugar onde se escolhem e se armazenam as castanhas
- **Pilar as castanhas** - um homem com socos de brochados (tamancos), salta dentro de um cesto vindimo (cesto de verga), meado (meio) de castanhas, e bate (dança) o fandango, pisando-as. Depois de descascadas e secas, vão para o "caniço" e ficam piladas.
- **Tinta** - doença dos castanheiros, também conhecida por cancro do castanheiro, que se caracteriza pelo amarelecimento e queda precoce das folhas.



Os clubes participaram no concurso das quadras de S. Martinho, que decorreu na Internet. Nnas suas escolas, muitos deles organizaram concursos internos para seleccionarem a melhor quadra. A imaginação dos nossos alunos não tem limites:

Polenix afamado
ao procurar namorada
no S. Martinho encontrou
a bela castanha assada.

Clube "Os Murteirinhas",
da E.B./2,3 de Ílhavo - Aveiro



No S. Martinho o Polenix
dá uma prenda ao Prosepe
come castanhas, bebe suminho
e ajuda-o a preservar a floresta...

(Adaptado)

Clube "A alma da Floresta",
da E.B./2,3 de Fernão Lopes - Lisboa



Se a árvore nos dá a castanha
e o S. Martinho a festa,
o Polenix acompanha
o Prosepe na Floresta.

Clube "Os Pardais do Cerco",
da E.B./2,3 do Cerco - Porto



S. Martinho glorioso
todo de castanho se veste
e o Polenix esplendoroso
fica inactivo, adormece

Numa tarde de Prosepe
o Polenix fez um desenho
pintou o S. Martinho
da linda cor de castanho

Clube "Os Besteirinhos",

da E.B./2,3 de Campo de Besteiros - Viseu



E para terminar um dia com tanta alegria e azáfama, era inevitável completa-lo com jogos tradicionais, que tanto animam os membros dos Clubes: o fito, da colher, do sino, dos países e tantos outros. O final é sempre marcado por prémios simbólicos: livros, chocolates, rebuçados...

Nalguns casos, realizou-se também um passeio pedestre pela floresta, onde os pulmões se encheram de ar puro. O verde, o castanho alaranjado deram à paisagem o seu tom outonal inconfundível e característico da estação da queda da folha, que não deixa de ter a sua beleza natural, onde um manto de folhas caídas transforma o chão macio numa multiplicidade de cores magníficas... São estes pequenos "nadas" que dão vida aquilo que, por vezes, passa despercebido... **A Floresta e os seus encantos...**

Apelamos para que, com toda esta alegria e animação, não se esgote o entusiasmo apenas neste S. Martinho, mas que duplique para o próximo ano, em que tudo isto e muito mais faça parte das actividades do "Verão do S. Martinho". O Polenix lá estará para dar uma mãozinha...

Polenix encontra o S. Martinho

Este ano, o Outono PROSEPE foi diferente!

Quisemos que os castanhos, os laranjas, os vermelhos e os verdes secos, já cansados de vida, ajudassem a construir e a melhorar os nossos laços virtuais! Quisemos que esses laços ficassem mais quentes para que possam perdurar... Pois a vida, ultimamente, também é feita de ligações virtuais!... Eis que as cores deste Outono palpitante e deste magusto virtual se misturam.... São mil e um novos sabores, sensações, palpitações... é uma nova adrenalina que surge, cresce... e certamente acabará por florescer... Deve florescer... Tem que florescer... Desafiámos o Polenix para um encontro com o S. Martinho, na NET!... E pedimos-lhe que partilhasse as sensações que descobrisse, ... com todos os Clubes da Floresta!!...

E não é que ele aceitou o desafio!!...

E não é que o encontrou mesmo?!...

Nesse mundo de fantasia e sonho, mas feito de uma realidade saborosa e doce, que é o conforto das nossas casas ou a alegria de navegar com os nossos amigos num cantinho das nossas escolas, demos com o Polenix confraternizando com o S. Martinho!!! Lá estava ele naquela clareira, daquela floresta, daquele monte, daquela cordilheira, daquele país, daquele mundo, conhecido por <http://www.nicif.pt> ou simplesmente daquela clareira <http://www.nicif.pt/martinhoc>.

POLENIX Encontra O S. Martinho



Polenix
Clube da Floresta



Imagem adaptada de: Manuel Vitor, Porto Editora

As Vencedoras d

Clica Aqui Para Saberes



Concurso de desenho



Actividades

Juntos participaram em actividades que partilharam com todas as escolas da rede PROSEPE. Redescobriram a lenda e de novo sentiram a magia, a fantasia e o sonho... Sentimentos e sensações que todos os anos voltam e que sempre nos fazem querer ser melhores... Relembra-nos sempre que o "outro" também deve fazer parte dos nossos objectivos... Vão-nos preparando para o Natal... que logo logo chegará!...



Quadrante

1.º LUGAR

S. Martinho
A um passo
O Polenix
Ao Prosepe

Clube da Floresta "Solidamente Solidários com o Pinhal"

Esc. Sec. 3

2.º LUGAR

O Polenix
Dusse
"Vamos
Festejar"

Clubes da Floresta

Agrupamento Vertical

3.º LUGAR

O Polenix
Que o l
No Out
Dá-lhe

Clube da Floresta

Esc.

Quiseram divertir-se, e juntos tentaram os provérbios que encontraram!... Os provérbios eram difíceis... mas por isso mesmo re... E afinal de contas, como lhe dizia o S. Martinho, pistas e ajudas!... Não há nada como algo muito mais interessantes... O Polenix... E vejam lá!!!!...

Tornaram-se tão amigos que resolveram pedindo-lhes para construírem umas quadras, ambos e, se quisessem, do PROSEPE... Então não foi ele que deu a vida ao Polenix... E o PROSEPE deu uma mãozinha!...

De entre todas as quadras enviadas, a Escola Secundária/3, d... Internet para que todos os clubes votas... E foi assim que a Escola Secundária/3, d... "Solidamente Solidários com o Pinhal" Em segundo lugar ficou a Agrupamento... com o Clube da Floresta "Balluta Radi... Em terceiro lugar ficou a Escola Secund... "O Exército dos Gnomos".

Claro que o Polenix ficou logo curioso... encontram eles na página dos vencedores!

Vencedoras

AR - 5 votos

deu ajuda
sem abrigo
da vida
que está contigo.



ente Solidários com o Pinhal"

Pinhal do Rei



Estes os
vencedores

AR - 4 votos

me Polenix
um passarinho
o Clube Prosepe
o S. Martinho"



ta "Balluta Radical"

de Vouzela - E.B./2 de Vouzela

LUGAR

3 votos

ma é semente
sepe viu nascer
o S. Martinho
ça p'ra crescer



O Exército dos Gnomos"

de Tábua

resolver as palavras cruzadas e preencher
polenix achou que as palavras cruzadas
representavam um desafio....

martinho na sua sapiência, sempre tinham
na "luta" para que os desafios se tornem
chou revigorante...

desafiar todos os Clubes da Floresta,
adras de S. Martinho onde falassem de
pois claro,... não o podiam esquecer...
enix?!...

leccionou 30 que foram colocadas na
em na preferida.

Pinhal do Rei, com o Clube da Floresta
consegiu ganhar.

Vertical de Vouzela - E.B./2 de Vouzela,

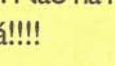
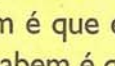
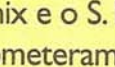
ia de Tábua, com o Clube da Floresta

em conhecer os premiados... Lá se

s.



Lista De Quadras Seleccionadas



1-	Acabemos com os fogos, São Martinho ajudará; Com o Prosepe e o Polenix, A Floresta crescerá.	2-	No dia de S. Martinho No PROSEPE é um festim; É ver o Polenix fofinho A comer castanhas sem fim...
3-	No dia de S. Martinho Polenix vai festejar Com os amigos do PROSEPE As castanhas vão assar	4-	O Polenix germinou, O Prosepe o defendeu. Em castanha se transformou, Em ouro se perdeu
5-	Em Novembro é o São Martinho O Prosepe está-se a preparar O Polenix está no quentinho As castanhas a descascar	6-	Polenix, Polenix Não te portes mal Para a malta do Prosepe Te dar das castanhas com sal
7-	Com toda a família Prosepe, O São Martinho vamos festejar! E o amigo Polenix Os Cucos vão convidar!	8-	Polenix anda cá Vamos os dois conversar O Prosepe trouxe-te ao mundo Vamos castanhas assar
9-	O Polenix é semente Que o Prosepe viu nascer No Outono o S. Martinho Dá-lhe força p'ra crescer	10-	O Polenix é um amiguinho Que o S. Martinho nos enviou Para ajudar um pouquinho No que o Prosepe delineou
11-	No Prosepe, o S. Martinho Estamos a preparar. O Polenix é nosso amigo Vem-nos cá ajudar.	12-	O Prosepe está em festa, Polenix(s) a cantar; No Clube da Floresta S. Martinho festejar
13-	Com o polenix e o Prosepe A floresta vamos preservar Para que no dia de S. Martinho Possamos todos festejar.	14-	Polenix acordou No dia de S. Martinho Floresta despertou Prosepe deu-lhe carinho
15-	Com o Polenix e o Prosepe Castanhas vamos comer, Sem nunca nos esquecer Da Floresta proteger."	16-	No dia 11 de Novembro O Prosepe vai organizar Um Magusto-Polenix... Para a Floresta preservar
17-	No dia de S. Martinho O prosepe está presente O Polenix mexe a fogueira Ai, que a castanha está quente.	18-	PROSEPE, Polenix e S. Martinho Chamam vossa atenção p'ra floresta: Comam castanhas; bebam um suminho Mas não destruam o que ainda resta.
19-	Se o Polenix queres ver A floresta terás de ir O Prosepe a crescer E os ouriços a cair	20-	S. Martinho deu ajuda A um pobre sem abrigo O Polenix dá a vida Ao Prosepe que está contigo.
21-	O Prosepe e o Polenix Festejam o São Martinho Assam e comem castanhas Do Algarve até ao Minho	22-	No S. Martinho do Prosepe Muito vou brincar E com o Polenix Castanhas vou assar
23-	Se a árvore nos dá a castanha E o S. Martinho a festa, O Polenix lá acompanha O Prosepe na Floresta.	24-	Os olhos do Polenix Estão sempre na Floresta Com a ajuda do Prosepe No S. Martinho faz-se a festa.
25-	Nesta época de S. Martinho O Prosepe vai de certeza Com a ajuda do Polenix amiguinho Proteger toda a NATUREZA.	26-	No dia de S. Martinho Com o Prosepe vamos festejar E com a ajuda do Polenix Muitas castanhas vamos assar.
27-	No dia de S. Martinho Todos vamos festejar Com a ajuda do Prosepe Da floresta vou cuidar	28-	Prosepe comeu castanhas Na feira do S. Martinho Polenix com suas manhas 'scapuliu-se, foi ao vinho.
29-	O menino Polenix disse a um passarinho "Vamos ao Clube Prosepe festejar o S. Martinho"	30-	O S. Martinho vamos comemorar: Com o Prosepe a ajudar E o Polenix a vigiar, As castanhas vamos provar

Polenix e o S. Martinho ficaram amigos...

E prometeram que a partir de agora irão sempre comemorar juntos o dia...
De que forma? Desta maneira ou de outra... Não sabem ainda... O que
sabem é que estarão juntos!...O que sabem é que caminharão juntos! O
que sabem é que, o que decidirem, constituirá uma surpresa...
Hum!! Não há nada melhor do que ficar...ansiosamente à espera do próximo ano.
Até lá!!!!

Eles fizeram...Nós contamos...Eles fizeram...Nós contamos...Eles fizeram...

Visita de Estudo ao P.N.P.G.

- Trilho da Preguiça

O Clube da Floresta "Os Palmeirinhas" da E.B./2,3 de Palmeira, Braga, realizou no dia 26 de Outubro de 2001, um percurso pedestre no P.N.P.G. (Parque Nacional da Peneda Gerês).

A escolha do Trilho da Preguiça prendeu-se com o facto de permitir estudar a espécie florestal seleccionada para a região onde a escola está inserida, o carvalho. Além da observação efectuada durante o percurso do trilho, para realização da posterior monografia, procedeu-se também à recolha de materiais da floresta, necessários à elaboração dos trabalhos propostos no plano de actividades (Postais de Natal e Presépio).

O Trilho da Preguiça é um percurso pedestre traçado ao longo da encosta do Arnado, sobre uma das vertentes



do vale de falha do rio Gerês. Este percurso proporcionou um contacto directo com a natureza, podendo os alunos aprender, não só, a fruí-la sem pôr em risco o seu equilíbrio, mas também a despertar o sentimento de pertença à comunidade envolvente e, ainda, estimular a vontade pelo saber.

Nesta visita, foi possível observar manchas de pinhal, carvalhal, medronhal, resinosas diversas, matos e espécies infestantes, como as mimosas.

Os alunos envolvidos na visita foram acompanhados por uma guia do P.N.P.G. e, apesar das dificuldades do trilho, vertentes com alguma inclinação, revelaram-se cuidadosos e atentos às orientações e explicações da guia. Ao longo do percurso fizeram um registo fotográfico e recolha de materiais que serão utilizados na elaboração da monografia sobre o carvalho (*Quercus robur*).

A castanha em livro... saberes e sabores

O lançamento do livro "A castanha - Saberes e Sabores", resultante duma pesquisa minuciosa de receitas de castanhas, levada a cabo pelo Dr. Jorge Lage, coordenador do Prosepe no distrito de Braga, que através da contribuição dum público anónimo e de alguns Clubes da Floresta do PROSEPE. O autor prestou uma profunda homenagem à castanha e às suas virtudes, através do seu cunho pessoal e do incondicional apoio do Presidente da Câmara Municipal de Valpaços, Eng.º Francisco Baptista Tavares,



que patrocinou a edição.

Com este livro, mais uma semente foi lançada. É urgente continuarmos este percurso, tornando possível outras iniciativas, para que a castanha não seja paulatinamente esquecida.

Aos Clubes cabe o papel de prosseguir com a criação de trabalhos deste tipo, monografias e/ou outros sobre este "fruto dos frutos, o único que ao mesmo tempo alimenta e simboliza, cai dumas árvores altas, imensas, centenárias..." no dizer de Miguel Torga.

Eles fizeram... Nós contamos... Eles

Nós contamos...Eles fizeram...Nós contamos...Eles fizeram...Nós contamos...

O Prosepe do outro lado do Oceano Atlântico

Neste Natal, as “**Andorinhas**”, da E.B./2,3 Gomes Eanes de Azurara – Mangualde – Viseu, sobrevoaram o Oceano Atlântico e poisaram na Escola Professora Maria de Melo, em S. José dos Campos – S. Paulo – Brasil, para divulgarem o Concurso do Prosepe “Postais de Natal”. A iniciativa foi acolhida pelos alunos

e professores brasileiros com grande entusiasmo, o que se verificou através da enorme quantidade de postais recebidos



por este Clube da Floresta. As “**Andorinhas**” encontraram no projecto “**Cartas Históricas**” (projecto de intercâmbio com o Brasil), uma mais valia, para levar ainda mais longe o objectivo do Prosepe e dar a conhecer a nossa

missão. Perante a adesão conseguida, o clube promete novas iniciativas.

Nesta linha de acção, sempre pensando em defender a floresta, este clube enviou as boas festas a várias entidades locais, com mensagens alusivas à defesa da floresta. Em troca receberam mensagens encorajadoras e gratificantes, que fomentam em todos os elementos um renovar de “forças” para continuar a missão de Defensores da Floresta.

Como exemplo, deixamos aqui a resposta/mensagem dos Bombeiros Voluntários de Mangualde.



Inauguração da “Casa da Floresta”

“**O Azevinho**”, Clube da Floresta da E.B./2,3 de Gonçalo Nunes – Barcelos, inaugurou a sede onde irá funcionar o clube. Para conseguirem construir este espaço tão acolhedor, tiveram muitos apoios, de entre os quais se

destacam a Escola, a Câmara Municipal e a Junta de Freguesia. Na



festa de inauguração estiveram presentes diversas entidades, professores e alunos. Os membros do clube cantaram o seu hino e



entregaram prémios às entidades presentes. Com esta nova sede o Clube passa a ter melhores condições para desenvolver o trabalho em prol da floresta.



fizeram... Nós contamos... Eles

Diga

O Enigma das "Árvores das Bolas"

No passado, quando viajava no Vale do Loire (França), observei pela primeira vez este fenómeno: árvores frondosas sustentando bolas verdes.

O que seriam aquelas esferas? Talvez ninhos de aves (afinal há aves como o tecelão que os fazem bem bizarros!). mas não! Eram pouco

compactos para serem ninhos.

Mas então aquelas bolas verdes que surgiam em algumas espécies de árvores, com um tom ligeiramente mais escuro que o das folhas, o que seriam afinal?

Quando, meses mais tarde, fiz esta pergunta a alguns "especialistas de botânica" do Porto e de Coimbra,

a pergunta que me fizeram foi: "Tem alguma fotografia?". E como não tinha, fiquei sem resposta. E, assim continuei com aquele mistério dentro de mim à espera de encontrar alguém que me satisfizesse a curiosidade...

Este Verão voltei ao Vale do Loire. Tinha de conseguir uma fotografia daquelas famosas árvores. Quando as avistei fiquei entusiasmada e ansiosa como uma criança que encontra ali, perto de si, o brinquedo há muito sonhado.

Contagiei os presentes, levando-os a observar o meu intrigante achado. Mas, uma vez mais, todos acharam aquelas "bolas verdes", penduradas nas árvores, muito interessantes, mas ninguém desfez o mistério.

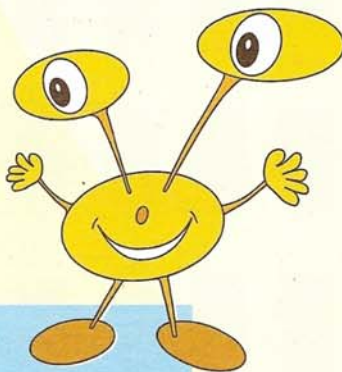
Entretanto, tentei tirar-lhes uma fotografia do autocarro, mas a velocidade do mesmo não me permitia observar em pormenor a constituição daquelas esferas e a incerteza de obter uma fotografia nítida preocupava-me.

Finalmente, em Amboise, após o almoço, perto do autocarro onde havíamos marcado ponto de encontro, encontrei três frondosas árvores sustentando várias "bolas verdes". Fantástico! Desta vez ia conseguir! Com a máquina fotográfica em riste, desci um pequeno declive onde, pela primeira vez, vi a urtiga branca (*Lamium album* L.) e, quando me aproximei de uma das árvores, ao olhar de perto aquelas esferas deu-se o clic! Soube de imediato que aquilo era VISCO!

Associei o que estava a observar a uma imagem que havia visto num artigo de um livro das Selecções do Reader's Digest – ABC da Natureza – sobre plantas parasitas. Então era isso! Um dos elementos do grupo



Diga



Faz-nos chegar a tua correspondência para:
Correio dos Leitores - Projecto Prosepe
Av.ª. Bissaya Barreto, nº 58, r/c – 3000-075 Coimbra, ou através
da internet para o endereço electrónico: prosepe@nicif.pt

referiu-me, mal identifiquei aquele vegetal, que se usava para “agarrar pintassilgos por ter uma espécie de cola”. Do visco eu já sabia alguma coisa: que era usado nos países nórdicos como planta ornamental do Natal. (Entre nós, a Igreja atribuindo-lhe um ritual pagão, substituiu-o pelo azevinho (*Ilex aquifolium* L.).

Mas entretanto investiguei mais:

• Botanicamente, o Visco-branco (*Viscum album* L.) é uma planta semiparasita que habita sobre as árvores caducifólias – aquelas que perdem as folhas no Outono – permanecendo verde durante todo o Inverno.

São as aves como, por exemplo, o estorninho, o tordo, o melro, que devoram as bagas, depositando as sementes viscosas nos ramos das árvores.

O nome em latim – *Viscum* – diz respeito à viscosidade das suas sementes – uma propriedade essencial para a sua propagação, pois elas precisam de se agarrar ao tronco do seu hospedeiro o tempo suficiente para poderem germinar e inserir as suas raízes sugadoras especializadas – os haustórios – no interior da casca do hospedeiro para retirarem água.

Com efeito, trata-se de uma semiparasita, dado que pode produzir o seu alimento, pois tem clorofila, mas necessita de água para poder realizar a fotossíntese e essa, vai retirá-la ao hospedeiro (geralmente causa-lhe pouco ou nenhum prejuízo).

• Em Inglaterra o visco-branco também constitui uma decoração natalícia muito vulgar.
• Os antigos atribuíam-lhe poderes especiais como repelir bruxas, aumentar a fertilidade, curar dores de dentes.
• O famoso Druida do Astérix, usava o visco do Carvalho – a árvore sagrada por excelência – para preparar a célebre poção mágica que, para grande desespero dos romanos, tornava os gauleses invencíveis!

Uma vez que só muito raramente o visco parasita aquela árvore, torna-se, quando tal acontece, uma raridade e daí ser considerado sagrado. Os druidas faziam um cerimonial de purificação para a sua colheita.

• Quando seco tem um odor desagradável e um sabor amargo.
• A indústria farmacêutica está a demonstrar um maior interesse por esta planta, designadamente no combate da epilepsia, como hipotensor, contra a arteriosclerose e no tratamento de certos tumores. Não é recomendável a sua utilização por leigos, dado que as suas toxinas apresentam um elevado grau de toxicidade.

E pronto! Esta foi uma descoberta que me deu imenso prazer, assim como toda a pesquisa que fiz posteriormente, pelo que a partilho com todos aqueles que gostam de conhecer melhor as curiosidades dos seres vivos deste planeta.

Apesar de todas as tragédias com que ele por vezes nos surpreende, contém um manancial infindável de aspectos curiosos. Espero que tenham gostado!

Maria Dalila Reis

Professora Coordenadora do Clube da Floresta “*Hedera helix*” da E.B./2,3 Domingos Capela Silvade Espinho - Aveiro



Pinheiro de Natal

Chegou este Natal,
um desafio se lançou
enfeitar uma árvore natal
com o que já se utilizou.

Amigos da Natureza,
o desafio aceitámos
e com grande destreza
os enfeites criámos.

Foram horas a fio
a aproveitar material,
pois ganhar um desafio
é para nós essencial.

Aproveitámos o lixo
para a árvore enfeitar
e quisemos com isso
o ambiente preservar.

Na hora de o mostrar todos ficámos pasmados,
havia gente a elogiar
e que nos deixou honrados!

Foi tarefa especial,
foi preciso imaginação!
Assim nasceu a Árvore de natal,
obra da nossa criação.

Clube da Floresta P.A.P. / Protecção do Ambiente Florestal da
E.B./3/S de Artur Gonçalves de Torres Novas - Santarém